

Editorial

Não por acaso incômoda e até mesmo desqualificada em alguns segmentos institucionais, a crítica feminista vem produzindo uma reflexão subversiva, que procura desconstruir a lógica da identidade, problematizar o múltiplo e sublinhar a diferença.

Na contracorrente das práticas totalizadoras e hierarquizadoras do pensamento, portanto, trata-se de uma proposta teórica desestabilizadora, que coloca em questão os saberes e as narrativas que reiteram a centralidade tão ilusória quanto disseminada e dominante do sujeito masculino, branco, ocidental, universal.

A perspectiva do gênero, que hoje se amplifica em diferentes áreas do conhecimento, vem possibilitando a exposição dos processos sexuais que atuam na estruturação do mundo social. E a leitura analítica das representações do feminino e do masculino, especificamente, veiculadas na linguagem audiovisual, pensadas desde sua construção, distribuição, recepção e seus efeitos, tem configurado área imbuída dessa operação inquiridora e crítica da/cultura.

Nesta edição, os Cadernos de Pesquisa do CDHIS trazem um dossiê que enfoca significativa contribuição dos estudos de gênero em relação à linguagem do cinema. *História e Cinema: representações do feminino e o jogo das alteridades*, organizado pelas colegas do Instituto de História, professoras doutoras Carla Miucci Ferraresi e Monica Brincaleppe Campo, revela um território irrigado de possibilidades, onde se pode observar o desenvolvimento de pesquisas no âmbito dessa área profícua e transdisciplinar do conhecimento.

É com renovada alegria que, nesta edição, destaca-se tal produção. Sobretudo, porque, na contramão dos discursos sexistas e totalitários que, surpreendentemente, retornam ao cotidiano e afirmam-se nas redes discursivas contemporâneas, nessa iniciativa, registra-se a vigorosa

produção de um conhecimento alinhado ao projeto político de transformação da sociedade, portanto fertilizador do pensamento.

Trata-se de uma produção que, para além de uma perspectiva descritiva das identidades múltiplas e do silenciamento historiograficamente sobre elas produzido, opera no sentido de, não apenas conferir visibilidade às experiências de sujeitos excluídos, inferiorizados, subalternizados no/do discurso social, mas de pensar crítica e analiticamente os procedimentos políticos da opressão e da exclusão que emergem, em funcionamento, também nas telas do cinema.

Trata-se de perspectiva de especial relevância nos dias de hoje em que a linguagem audiovisual assume papel onipresente e paradigmático na sociedade, portanto também preocupação que tem orientado nosso perfil editorial. Agradecemos às colegas pelo belo trabalho realizado.

Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro
Editora